

N'A *ideologia alemã*, Marx e Engels visam criticar os assim chamados jovens hegelianos (B. Bauer, M. Stirner e L. Feuerbach) mostrando que suas filosofias - tidas como revolucionárias na época - são falhas, pois não quebram completamente com a noção hegeliana de que a história seria uma história das ideias (ou do espírito). Para tal, os autores fazem uma exposição do que seria o movimento de gênese e desenvolvimento da história, mostrando que o que move a história desde o princípio é a *atividade humana* no plano material. O desenvolvimento da religião, do direito, da filosofia, etc. seriam apenas consequências do desenvolvimento da matéria - ou ainda das formas de produção e relações humanas. Em suma, a atividade humana (e não o espírito) é o sujeito da história.

O ponto atual de desenvolvimento da história seria então a sociedade capitalista burguesa, em que a burguesia se estabelece como classe dominante, há uma transição da predominância de capital fixo (renda de terra) para capital móvel (mercadorias), há o aparecimento de uma economia global (intercâmbio universal), etc. Esse momento em que a sociedade se encontra se caracteriza no que diz respeito à forma de atividade humana como *divisão social do trabalho* e no que diz respeito ao produto dessa atividade como *propriedade privada*.

A atividade do sujeito seria o que media sua interação com o mundo externo. Através dela o indivíduo tem o potencial de transformar o mundo material e igualmente ser transformado por este. Neste sentido o ser humano (ou o *gênero humano*) seria o produtor de si mesmo na medida que ele modifica a realidade material que o determina através desse movimento de autoatividade (ou objetivação, trabalho no sentido universal).

Mas no contexto atual, da divisão social do trabalho, há uma separação tão grande entre autoatividade e produção de vida material (trabalho, no seu sentido histórico, estranhado) que a vida material (condições mínimas de existência do trabalhador) aparece como finalidade de sua atividade e a criação de vida material (objetivação) propriamente dita aparece apenas como meio. O proletário expressa sua atividade na forma de trabalho estranhado - expressão negativa da autoatividade -, trabalho esse que tem por fim suprir as carências vitais dos trabalhadores.

Portanto, num contexto em que o trabalho se mostra como único vínculo do trabalhador com sua própria existência (sobrevivência), há a necessidade de uma mudança da forma de trabalho atual para a autoatividade primeiramente para que os trabalhadores assegurem sua própria existência. Essa mudança só se dará com a apropriação do que condiciona essa forma de trabalho, com a apropriação da totalidade das forças produtivas (e portanto dos instrumentos materiais de produção). Essa apropriação só é possível agora porque os trabalhadores estão completamente excluídos de autoatividade, sendo assim possível a aquisição da autoatividade plena e universal.

Outras tentativas de apropriação falharam, pois nunca houve uma apropriação da totalidade das forças produtivas, somente de uma parcela delas. As forças produtivas nos instrumentos de produção tomados eram parciais e o intercâmbio era também limitado, fazendo com que a apropriação da capacidade produtiva fosse limitada e não universal. Um instrumento de produção tornou-se sua posse, mas não a totalidade deles, ou seja, o indivíduo ainda está subsumido à propriedade privada e à divisão social do trabalho.

A supressão da propriedade privada só se dará na forma de propriedade privada universal - submissão de toda propriedade a cada indivíduo - da mesma forma que modo de intercâmbio universal só pode ser supressumido se é subsumido a totalidade

de indivíduos.

—

Propriedade privada e divisão social do trabalho como expressões da mesma coisa (o primeiro no que diz respeito ao produto do trabalho e o segundo no que diz respeito das relações humanas).

No desenvolvimento atual da sociedade há uma separação tão grande entre autoatividade e produção de vida material que a vida material (reprodução da vida?) aparece como finalidade a criação de vida material, o trabalho, expressão negativa da autoatividade, aparece como meio.

Portanto a apropriação da totalidade das forças produtivas (por extensão dos meios de produção) se torna tarefa necessária não para se chegar na autoatividade, mas primeiro para assegurar sua própria existência (vida?)

Somente os proletários atuais, excluídos de autoatividade, estão em condições de impor a autoatividade plena.

Outras apropriações revolucionárias anteriores foram insuficientes pois a apropriação de um instrumento de produção limitado gerava sempre uma nova limitação.

Seu instrumento de produção tornava-se propriedade, mas ele mesmo permanecia subsumido à divisão de trabalho (propriedade privada).

Nas apropriações anteriores uma massa de indivíduos permaneciam subsumidos a um único instrumento de produção, na apropriação pelos proletários, uma massa de instrumentos de produção tem de ser subsumida a cada indivíduo. A propriedade é subsumida a todos.

O intercâmbio universal não pode ser subsumido aos indivíduos senão na condição de ser subsumido a todos.

Infraestrutura material é base da superestrutural ideal.

A história é a história do movimento real (material) dos indivíduos que a compõem (forças produtivas e forma de intercâmbio). Não existe uma história do direito, da filosofia, enfim, de ideias (representações?).